

QUANDO ESTUDAR É RESISTIR: UMA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Jonas Santos Alves¹; Ilana Maria de Oliveira Maciel² ¹Discente do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: jon.santos@aluno.uece.br ²Docente Orientadora. Doutora em Educação (PPGE/UFC). E-mail: ilanaamaciel@gmail.com

Resumo: O presente artigo analisa a trajetória de formação de um acadêmico de Pedagogia da UECE sob a lente da pedagogia libertadora de Paulo Freire. Através de uma metodologia autobiográfica em formato de carta, o texto tenciona vivências periféricas em Fortaleza com o rompimento de ciclos geracionais de exclusão escolar. Discute-se o retorno de uma mãe solo aos estudos após 30 anos de silenciamento e violências, correlacionando esse movimento ao conceito de "inédito-viável". Conclui-se que a educação pública e a EJA são ferramentas de reparação histórica e emancipação humana.

Palavras-Chave

Paulo Freire; Educação Libertadora; Formação Docente; Práxis; Transformação Social.

1. Introdução

Escrever este artigo não é apenas cumprir uma etapa acadêmica; é um ato de "anunciar e denunciar", como propunha Paulo Freire. Situo-me como um jovem da periferia de Fortaleza, filho de uma mãe solo que, como tantas outras mulheres brasileiras, teve seus sonhos interditados pela necessidade da sobrevivência e pelas marcas da violência. Meu ingresso na Universidade Estadual do Ceará (UECE) não é um fato isolado, mas uma fenda aberta em uma estrutura social que historicamente planejou o nosso silêncio.

O presente trabalho configura-se como um encontro dialógico entre o pensamento de Paulo Freire e a minha trajetória como sujeito histórico em formação no curso de Pedagogia da UECE. Parte-se da compreensão de que a educação não é neutra, mas um ato político, ético e epistemológico (FREIRE, 1987). Diante disso, emerge a seguinte questão-problema: como a educação pode deixar de operar como instrumento de adaptação social para constituir-se como prática de liberdade, especialmente em contextos marcados por desigualdades históricas?

Para responder a esse desafio, utilizo a "escrevivência" como método e dispositivo de formação. Compreendo, em diálogo com Marie-Christine Josso (2004), que a narrativa de vida não é um exercício de narcisismo, mas uma ferramenta de conscientização que permite ao sujeito ler a si mesmo para melhor ler o mundo. Minha motivação é, portanto, de natureza política e existencial: sendo o primeiro membro da família a ingressar no ensino superior público, compreendo a formação acadêmica como uma prática de justiça social e um rompimento com a

"cultura do silêncio" (FREIRE, 1987) que, por trinta anos, silenciou os cadernos e os sonhos de minha mãe.

Neste cenário de vulnerabilidade, a educação se apresenta como o que Freire denomina de "Inédito-Viável": aquilo que, embora pareça impossível diante da opressão, torna-se realizável através da práxis. Minha trajetória e o atual retorno de minha mãe aos assentos escolares da Educação de Jovens e Adultos (EJA) são as provas materiais de que a "vocação ontológica de ser mais" não pode ser contida por cercas sociais. A negação histórica que ela vivenciou expressa os processos de exclusão estrutural que este ensaio pretende mencionar.

Nesse sentido, a escrita desta carta assume um caráter transgressor. Como propõe bell hooks (2013) em *Ensinando a Transgredir*, a educação como prática da liberdade exige que reconheçamos a sala de aula não como um espaço de mera transmissão, mas como um lugar onde a vontade de aprender é alimentada pelo prazer e pela partilha de subjetividades. Ao narrar minha trajetória, busco romper com a 'educação bancária' e adotar o que hooks define como pedagogia engajada: um movimento que exige que o educador esteja presente por inteiro, integrando mente, corpo e espírito em prol de uma consciência crítica que não separa a vida da academia.

A entrada na Universidade Estadual do Ceará (UECE), em 2022, no curso de Pedagogia noturno, descortinou uma faceta central da desigualdade educacional brasileira: a luta do estudante trabalhador.

Optar pelo turno da noite não é, para muitos de nós, uma escolha de conveniência, mas a única via de acesso possível para quem precisa sustentar a família e arcar com despesas basilares. Como discute bell hooks (2013), a sala de aula deve ser um lugar de êxtase, mas como alcançar esse êxtase quando o corpo chega à universidade exaurido por jornadas de trabalho muitas vezes precarizadas? O deslocamento físico entre o trabalho e a academia, somado ao desgaste mental, evidencia que a permanência na universidade pública é, por si só, um ato de resistência política.

A problematização aqui exposta fundamenta-se na crítica freireana   educação bancária, que reduz os educandos a receptáculos de conteúdos (FREIRE, 1987), em contraposição a uma educação dialógica, crítica e emancipatória. Tal discussão é ampliada a partir das obras *Educação como prática de liberdade* (1983), *Pedagogia do oprimido* (1987), *Pedagogia da autonomia* (1996), *Pedagogia da esperança* (1992) e *Professora sim, tia não* (1997), sempre em diálogo com Carlos Rodrigues Brandão (2005).

O objetivo geral deste trabalho é analisar as dimensões filosóficas, pedagógicas, sociológicas e políticas do pensamento freireano, articulando-as com experiências autobiográficas, a fim de fundamentar uma concepção de formação docente comprometida com a emancipação humana e com a dignidade dos saberes que nascem no chão da periferia.

Nesse percurso de resistências e travessias, a construção deste saber não se d  de forma isolada, mas na comunhão entre quem ensina e quem aprende. A mediação pedagógica que sustenta esta escrita   fortalecida pelo apoio técnico e

sensível de minha orientadora, cuja vasta experiência e doutorado na área da Educação, com ênfase na Educação de Jovens e Adultos (EJA), permitiram que meu relato de vida fosse lapidado com o rigor acadêmico sem perder a sua essência humana. Ter ao lado uma pesquisadora que compreende as especificidades dos 'sujeitos da noite' e as lacunas históricas da EJA foi o que possibilitou transformar minha indignação em uma análise científica propositiva, validando o lugar de fala de um estudante que, muitas vezes, é invisibilizado pela academia tradicional.

Essa rede de orientação e afeto configura-se como um exemplo prático da 'pedagogia do encontro'. Ao valorizar minha trajetória e as potencialidades que trago do Vicente Pinzon, minha orientadora não apenas cumpriu um papel burocrático, mas exerceu a docência como um ato de entrega e parceria. Esse suporte foi o diferencial para que eu me reconhecesse não apenas como um aluno em busca de um diploma, mas como um intelectual em formação, capaz de articular a dor da exclusão com a esperança da transformação. É essa simbiose entre a experiência da mestre e o sonho do aprendiz que pavimenta o caminho para que este ensaio cumpra sua função de ser, acima de tudo, um manifesto de reparação histórica.

2. Metodologia

A entrada na Universidade Estadual do Ceará (UECE), em 2022, no curso de Pedagogia noturno, descortinou uma faceta central da desigualdade educacional brasileira: a luta do estudante trabalhador.

Optar pelo turno da noite não é, para muitos de nós, uma escolha de conveniência, mas a única via de acesso possível para quem precisa sustentar a família e arcar com despesas basilares. Como discute bell hooks (2013), a sala de aula deve ser um lugar de êxtase, mas como alcançar esse êxtase quando o corpo chega à universidade exaurido por jornadas de trabalho muitas vezes precarizadas? O deslocamento físico entre o trabalho e a academia, somado ao desgaste mental, evidencia que a permanência na universidade pública é, por si só, um ato de resistência política.

A presente pesquisa caracteriza-se como um ensaio científico-reflexivo, de abordagem qualitativa e natureza autobiográfica, assumindo o formato de carta-autobiográfica. Esta opção metodológica fundamenta-se na perspectiva de Marie-Christine Josso (2004), que defende a narração da vida como um processo de autoconhecimento e formação. Ao narrar minha história e a de minha mãe, busco compreender as marcas da "educação bancária" e o poder da "conscientização", transformando o relato meramente pessoal em uma "biografia que se torna coletividade".

O estudo ancora-se na noção freireana de práxis, entendida como a unidade indissociável entre a reflexão teórica e a ação transformadora sobre o mundo (FREIRE, 1987). Assim, o percurso metodológico não se limita à interpretação bibliográfica das obras de Paulo Freire (1983; 1987; 1992; 1996; 1997) e de Carlos Rodrigues Brandão (2005), mas utiliza a experiência vivida como categoria central de análise, reconhecendo o sujeito como um ser histórico, inacabado e radicalmente capaz de intervir na realidade (FREIRE, 1996).

Para aprofundar o fundamento desta abordagem, dialoga-se com Marie-Christine Josso, cuja compreensão da pesquisa autobiográfica converge com a concepção freireana de formação como processo de conscientização. Para a autora, narrar a própria trajetória constitui um ato formativo no qual o sujeito ressignifica suas experiências e se reconhece como produtor de saberes (JOSSO, 2004). Essa perspectiva reafirma que a leitura da própria vida é, simultaneamente, uma leitura de mundo, atravessada por dimensões históricas, sociais e políticas (FREIRE, 1983). Portanto, a escrita aqui apresentada ultrapassa o caráter descritivo e configura-se como um movimento emancipatório de "ser mais".

A experiência de minha mãe, marcada por trinta anos de afastamento escolar, reflete o que hooks (2013) discute sobre o impacto do silenciamento em corpos marginalizados. A violência patrimonial e física que ela enfrentou não apenas a privou de recursos, mas tentou apagar sua capacidade de se enxergar como produtora de cultura. hooks nos ensina que, para quem vive na margem, a fala é um ato de resistência política. Portanto, o retorno dela à EJA não é apenas um processo de alfabetização funcional, mas um processo de 'descolonização da mente', onde ela reassume o direito de ter uma voz que importa, transformando a dor da exclusão em força para o aprendizado.

Nesse horizonte de resistência, incorpora-se a contribuição de bell hooks (1994), cuja perspectiva pedagógica valoriza a experiência vivida como fonte legítima de conhecimento. Um detalhe fundamental desta integração é o reconhecimento de que a educação crítica deve legitimar as vozes historicamente silenciadas como a de minha mãe, que por décadas habitou a "cultura do silêncio". Ao adotar uma pedagogia engajada, este método permite que o ensinar e o aprender envolvam a partilha de afetos e histórias, rompendo com as hierarquias tradicionais da academia. Assim, a metodologia da escrevivência afirma-se como prática de resistência, na qual não apenas produz conhecimento sobre a Pedagogia, mas reafirma a existência e a capacidade de intervenção social de identidades periféricas, articulando memória, identidade e transformação.

Dessa forma, a metodologia aqui empregada transcende a mera descrição cronológica de eventos, configurando-se como uma 'epistemologia do sul' que emerge das vivências no Vicente Pinzon e nos corredores da UECE. Ao adotar a escrita de si como dispositivo investigativo, este estudo assume que o pesquisador não está neutro ou distante do seu objeto; pelo contrário, a minha subjetividade como estudante trabalhador e o corpo de minha mãe, marcado pela história da EJA, tornam-se os próprios locais de produção de teoria. É nesta interseção entre a memória individual e a estrutura social que a pesquisa busca desvelar como as fronteiras da exclusão urbana em Fortaleza são tensionadas pela ocupação do espaço acadêmico.

Por fim, este percurso metodológico reafirma o compromisso com uma ciência que, nas palavras de Freire, nasce da amorosidade e do rigor. A escolha pela 'escrevivência' como bússola para este ensaio permite que a análise dos dados compostos por memórias, diálogos familiares e observações de minha prática voluntária seja realizada sob a ótica da libertação. Não se pretende aqui entregar um saber acabado, mas sim documentar um processo de 'devir': o movimento de um filho e uma mãe que, ao lerem suas próprias histórias sob a luz da pedagogia crítica, inscrevem-se como autores de suas realidades e sujeitos de sua própria libertação.

3. Resultados e Discussões

Os resultados desta escrevivência indicam que a concepção freireana de ser humano como sujeito inacabado constitui a base para uma pedagogia da esperança. Para Freire (1992), é precisamente essa incompletude que possibilita o “ser mais”, ou seja, a permanente construção de si e da realidade. No plano epistemológico, confirma-se que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1983), o que amplia a compreensão de conhecimento para além dos espaços formais.

O retorno de minha mãe à escola, após três décadas, materializa essa concepção, evidenciando o caráter histórico e existencial do aprender. Durante trinta anos, vi minha mãe ser vítima de uma estrutura opressora. As violências física, psicológica e, sobretudo, patrimonial que ela sofreu não foram apenas domésticas; foram políticas. Com o ensino fundamental incompleto e a responsabilidade de criar quatro filhos sozinha, a violência patrimonial ao cercear sua autonomia financeira e acesso ao saber visava manter o *status quo* da dependência. Freire (1987) explica que o opressor se hospeda no oprimido, fazendo-o acreditar que sua situação é o destino, e não uma construção histórica.

A geografia desta opressão é nítida. Vivemos no Vicente Pinzon, um dos maiores bairros de Fortaleza, um território pulsante, mas marcado por contradições profundas. Estamos cercados por bairros de elite, como Varjota, Aldeota e a região da Beira Mar, onde a riqueza é ostensiva. No entanto, no Vicente Pinzon, a valorização humana é frequentemente esquecida pelo Estado. Nesse “lugar” (SANTOS, 1996), a desigualdade social é a regra, e a educação e a cultura só sobrevivem através dos esforços hercúleos de pessoas que se comprometem verdadeiramente com o bem-estar social. É neste cenário que o ciclo geracional da exclusão parecia selado: famílias sem apoio são empurradas para longe dos portões da universidade.

A compreensão do Vicente Pinzon como 'margem' (HOOKS, 2013) exige que desloquemos o olhar da carência para a potência. Embora as políticas públicas estatais muitas vezes não cheguem com a celeridade e a completude necessárias para transformar a realidade local, é justamente na lacuna deixada pelo Estado que emergem as tecnologias de sobrevivência e os projetos de voluntariado. Esses espaços sociais não são meros 'quebra-galhos' assistenciais; eles são territórios de protagonismo onde crianças, jovens e adultos exercem sua vocação ontológica de 'ser mais' (FREIRE, 1987).

A trajetória de retomada dos estudos de minha mãe e minha própria inserção na UECE confirmam a tese central de Freire (1983) em *A importância do ato de ler*: a de que a 'leitura do mundo precede a leitura da palavra'. Antes de decodificar as letras na EJA, minha mãe já realizava uma leitura crítica e profunda das injustiças estruturais, da precarização do trabalho e das barreiras geográficas entre o Vicente Pinzon e as áreas nobres de Fortaleza. Esse entendimento reafirma que o ato de estudar não é uma memorização mecânica, mas um processo de compreensão da bibliografia viva que carregamos em nossa própria pele e história.

Foi por meio desses projetos sociais que minha mãe reencontrou a fresta para o seu retorno à escola e foi onde eu, ao ser inserido como voluntário, fortaleci minha identidade como educador. Esses projetos protagonizam uma transformação que o sistema formal muitas vezes ignora: a valorização das potencialidades periféricas. Como propõe bell hooks, a margem oferece uma visão privilegiada; de dentro do Pinzon, conseguimos enxergar as contradições do 'centro' e, através de pequenos esforços coletivos, impactar vidas de forma sistêmica.

Neste solo cercado por fronteiras invisíveis, a EJA e a formação humana se constroem na base da insistência e da crença no poder de transformação. Aqui, existem educadores populares, sonhadores e intelectuais orgânicos que, mesmo sem o apoio devido, fazem do mundo algo melhor. Reconhecer que meu bairro é um celeiro de intelectuais e de resistência é, em si, um ato de transgressão pedagógica. Como afirma Freire em *Pedagogia da Esperança* (1992), a democratização da sociedade passa, obrigatoriamente, pelo fortalecimento desses espaços de cultura e educação que nascem da própria comunidade.

No entanto, o momento em que minha mãe decide ocupar novamente um assento escolar na Educação de Jovens e Adultos (EJA) é o que Freire chama de Inédito-Viável. Aquilo que parecia impossível diante de tanta opressão e invisibilidade geográfica torna-se realidade através da práxis. Como bem aponta Brandão (2005), o conhecimento que minha mãe carrega não é "menor" por não ser letrado; ela possui um "Saber de Experiência Feito". Na EJA freireana, não se pode ignorar a leitura de mundo que ela construiu nas ruas do Pinzon, no trabalho doméstico e na criação de quatro filhos. A alfabetização dela hoje é um ato político de retomada da própria dignidade. Ela está aprendendo a ler a palavra, mas já era mestre em ler as injustiças das fronteiras invisíveis de Fortaleza.

Contudo, é nesse cenário de exaustão que a universidade se revela como território de encontros transformadores. Foi na UECE que teci redes de amizade e contatos profissionais que impulsionaram minha 'vocação ontológica de ser mais'. O diálogo com professores que valorizam o conhecimento de mundo do estudante permitiu que eu não fosse apenas um 'receptáculo' de informações, mas um protagonista da minha formação.

Essa rede de apoio culminou em marcos fundamentais da minha trajetória acadêmica, como a publicação do meu primeiro artigo científico focado na educação inclusiva, em parceria com doutores e mestres da Universidade Federal do Ceará (UFC). Publicar em uma revista de renome e participar ativamente de eventos como a Semana Universitária da UECE foram experiências que romperam com a 'cultura do silêncio' (FREIRE, 1987). Essas conquistas demonstram que, quando o estudante da periferia acessa os meios de produção do conhecimento, ele não apenas aprende; ele interv m na ciência e na sociedade.

Minha trajetória na graduação em Pedagogia da UECE é o reflexo direto desse rompimento. O "brilho" que a coordenadora do meu projeto de voluntariado viu em mim é a negação da sombra que o sistema tenta projetar sobre os jovens periféricos. Discutir o papel do educador hoje é entender que nossa missão é lutar contra a "Cultura do Silêncio". Quando um filho de mãe solo do Vicente Pinzon ocupa a universidade pública e sua mãe retoma o ensino básico, a estrutura de dominação estremece. O resultado desta pesquisa autobiográfica aponta que a formação

docente deve ser, antes de tudo, uma formação humana sensível às trajetórias de dor e superação que cruzam a porta da escola, transformando a indignação em motor para a transformação social.

A inquietação com o funcionamento do Sistema Nacional de Educação e seus entraves me motivou a pensar em novas formas de democratizar o saber pedagógico. O projeto de criação de um podcast focado na literatura educacional surge como uma estratégia de 'educação engajada' (HOOKS, 2013). O objetivo é convidar autores e pesquisadores para discutir, de forma acessível e crítica, por que o sistema educacional brasileiro ainda se comporta de maneira excludente.

Esse movimento de levar a discussão acadêmica para o formato de áudio é uma tentativa de fazer com que a leitura da palavra chegue a quem, como minha mãe, foi historicamente afastado dos livros. É a utilização da tecnologia não como ferramenta de alienação, mas como dispositivo de conscientização e diálogo, permitindo que as vozes da academia e as vozes da periferia se encontrem em um espaço de mútua aprendizagem.

A vivência no curso noturno de Pedagogia da UECE revela a face mais perversa da desigualdade: o cansaço como barreira pedagógica. Para o estudante da periferia, a universidade não é um espaço de dedicação exclusiva, mas um território conquistado após jornadas de trabalho precarizadas para garantir a sobrevivência familiar. É nesse contexto que a citação de bell hooks se faz urgente e necessária:

'O aprendizado é um lugar onde a mente, o corpo e o espírito se encontram. [...] Quando o ensino é realizado de modo a estimular a consciência crítica, ele é um lugar onde a vontade de aprender é alimentada pelo prazer.' (HOOKS, 2013, p. 27).

A compreensão dessa precariedade passa, obrigatoriamente, por uma análise das políticas macro educacionais. O Sistema Nacional de Educação (SNE), embora previsto na Constituição e no Plano Nacional de Educação, ainda é um projeto em constante disputa e construção no Brasil. A falta de uma articulação orgânica e de um regime de colaboração efetivo entre União, Estado e Município afeta diretamente a ponta do sistema: bairros como o Vicente Pinzon.

Historicamente, o Brasil demorou décadas para institucionalizar o SNE devido a resistências políticas que priorizavam a fragmentação em vez da cooperação. Essa desarticulação reflete na ausência de aparatos legais que protejam o profissional na linha de frente, especialmente na Educação Inclusiva. Meu trabalho anterior sobre os 'Desafios e Possibilidades da Educação Inclusiva', publicado em parceria com mestres e doutores da UFC, evidencia que a inclusão só será plena quando houver investimento em instrumentos e aparatos que protejam e deem suporte ao educador, superando a lógica do esforço individual isolado.

Apesar da ausência de uma assistência estatal plena, a periferia não é vácuo; é potência. No Vicente Pinzón, a dignidade é forjada por mulheres como minha mãe e minha avó, que lideram coletivos e redes de apoio. É nesse solo de resistência que surge meu projeto de Podcast, que busca descolonizar o acesso à informação. O primeiro episódio, ao analisar a EJA em Caucaia durante a pandemia, denunciou

como a falta de acesso digital nas comunidades indígenas foi uma forma de violência do Estado, tão letal quanto o vírus que vitimou mais de 700 mil brasileiros.

Complementarmente, minha pesquisa apresentada na Semana Universitária da UECE sobre o ensino da matemática em escolas públicas de Fortaleza revelou que o 'medo' da disciplina é, muitas vezes, fruto de uma pedagogia que não dialoga com o real. Ao ouvir professores que 'quebram o gelo' e humanizam os números, percebi que ser um Cientista da Educação é entender por que o ensino particular é vendido como 'saída' para quem acredita não ter lugar na universidade pública. Estar na UECE me permitiu compreender que a universidade pública é o lugar de quem sonha, de quem trabalha e de quem, através da ciência e do afeto, decide transformar a sociedade.

Contudo, como harmonizar esse 'encontro do espírito' com o esgotamento físico do deslocamento entre o Vicente Pinzón e o campus? Optar pela universidade pública no período noturno é, muitas vezes, um exercício de equilíbrio entre o sonho da formação e o imperativo de 'pagar as contas'. Essa realidade tenciona o papel do Estado, pois a permanência acadêmica exige mais do que auxílios financeiros; exige uma pedagogia que reconheça a integridade desse sujeito que trabalha, sente sono, sente fome e, ainda assim, insiste em pensar o mundo.

4. Conclusões

Conclui-se, através desta escrevivência, que a educação como prática de liberdade exige um compromisso ético-político radical com os sujeitos historicamente marginalizados os “esfarrapados do mundo” (FREIRE, 1987). A formação docente na Universidade Estadual do Ceará (UECE) revelou que estar ancorado na dialogicidade, na amorosidade e no rigor crítico (FREIRE, 1996) não é uma opção metodológica, mas um dever humanitário diante das desigualdades que cercam territórios como o Vicente Pinzon. Nesta trajetória de formação, ensinar deixou de ser a transferência de conteúdos para tornar-se a criação de possibilidades para a construção do novo. O retorno de minha mãe à escola e meu ingresso na universidade pública não são apenas vitórias individuais; configuram-se como uma reparação histórica e um posicionamento ético de que a pedagogia do encontro é capaz de humanizar espaços outrora desumanizados.

As reflexões aqui tecidas permitem compreender que a educação, quando pautada na perspectiva freireana e na pedagogia engajada de bell hooks, deixa de ser um privilégio para se tornar um ato de insurgência. A trajetória narrada do Vicente Pinzon aos corredores da UECE não deve ser lida como uma história de exceção meritocrática, mas como uma prova material de que o acesso de jovens periféricos à universidade pública é uma fissura necessária em um sistema desenhado para a exclusão. Minha trajetória, em diálogo com as provocações de minha orientadora, revela que o exercício da escrita autobiográfica transborda o "eu" para se tornar um espelho de superação e um contra-discurso para outros jovens que enfrentam as mesmas resistências sistêmicas.

Como afirma bell hooks (2013), a educação é um lugar de possibilidade radical. Ao expor as feridas do silenciamento histórico de minha mãe e as barreiras impostas ao estudante do curso noturno, este artigo-carta configura-se como um convite para que outros estudantes das margens geográficas e sociais de Fortaleza

reconheçam que os seus "saberes de experiência feita" são o combustível para a transformação das estruturas. Como perspectiva de ampliação futura, este estudo aponta para a necessidade urgente de aprofundar investigações sobre a aplicação da pedagogia freireana em contextos de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e na formação de professores em territórios periféricos, onde a "cultura do silêncio" (FREIRE, 1987) ainda tenta se impor.

Ao me projetar como futuro cientista da educação, busco romper com a visão romântica e despolitizada da docência. Em *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*, Freire (1997) denuncia a armadilha de reduzir o educador à figura do 'tio' ou da 'tia', o que muitas vezes serve para camuflar a falta de valorização profissional e o descarte da responsabilidade política do ensinar. Assumo, portanto, o magistério como uma profissão que exige rigor, preparo científico e, acima de tudo, a coragem de ser um intelectual que intervém na realidade, recusando o papel de mero cuidador para ocupar o lugar de mediador da emancipação.

Reafirmo que o compromisso ético do futuro pedagogo deve ser o de "esperançar". Como nos ensina a *Pedagogia da Esperança*, a nossa esperança não é uma espera vã; é o "esperançar" do agir, do lutar e do ocupar (FREIRE, 1992). Minha voz hoje carrega e rompe o silêncio de trinta anos de minha mãe; ela está agora munida de rigor acadêmico e sensibilidade política para garantir que a escola e a universidade sejam espaços de acolhimento e não de expulsão. A superação das violências patrimoniais e psicológicas que marcaram minha ancestralidade feminina encontra na minha formação um ponto de libertação.

Este trabalho não se encerra como um objeto acabado, mas projeta-se como uma promessa: a de que a docência será exercida como uma prática que não aceita o determinismo. Se a opressão tentou nos retirar o direito de sonhar, a educação freireana devolveu-nos a palavra e a capacidade de imaginar outros mundos possíveis. A educação, enfim, é o nome do nosso encontro com a liberdade, a união entre a mente, o corpo e o espírito com a sua própria dignidade. É o brilho que nasce da margem para iluminar a totalidade do social, uma luz que nenhuma sombra poderá apagar.

6. Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o método Paulo Freire**. 29. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1983.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhos para a formação**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

